

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**

SILMARA MARTINS DOS SANTOS

A DIÁSPORA HAITIANA NO BRASIL: UMA LEITURA DE RECEPÇÃO

CURITIBA

2015

SILMARA MARTINS DOS SANTOS

A DIÁSPORA HAITIANA NO BRASIL: UMA LEITURA DE RECEPÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de
Pesquisa do Programa de Pós graduação
do Curso de Educação a Distância em
Educação das Relações Étnico-raciais.
Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Ms. Luis Thiago Freire Dantas

CURITIBA

2015

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me ajudado a participar do Curso das Relações Étnico Raciais a distância da CIPEAD/UFPR e pela conclusão deste trabalho. Também, agradeço a toda equipe de professores do curso e especial pela paciência e boa vontade do meu professor orientador Thiago Dantas, sem ele não seria possível fazer este trabalho. Por último agradeço a minha filha Brenda pelo apoio que me deu durante a realização do curso. ..

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de realizar uma leitura da recepção de haitianos no Brasil. Para isso, o trabalho terá como enfoque realizar uma análise da formulação de identidade latina através de autores como Aníbal Quijano e Stuart Hall com o intuito de apresentar a construção a partir do caráter racial impulsionado por meio do modo da colonialidade. Depois esboçar a história do Haiti para entender como sucedeu nesse período histórico a vantagens e desvantagens da população haitiana perante o que se tornou a primeira república negra no mundo. Por fim, descrever por meio de algumas reportagens a recepção brasileira do que seria a diáspora haitiana, como fora recebido e qual a visão dos haitianos perante essa situação.

Palavras-Chave: Diáspora, História Haitiana, Identidade Latina, Recepção no Brasil.

ABSTRACT

The present work aims to perform a reading of Haitians in Brazil. For that, the work will focus on conducting an analysis of the formulation of Latin identity through authors such as Aníbal Quijano and Stuart Hall in order to present the construction from the racial character driven via the colonialidade mode. After sketching the history of Haiti to understand how he succeeded in this historical period the advantages and disadvantages of the Haitian population in the face of what became the first black Republic in the world. Finally, describe through some reports the Brazilian reception than the Haitian diaspora, as received and what the vision of Haitians facing this situation.

Key-words: Diaspora, Haitian History, Latin Identity, reception in Brazil.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I	12
1.1 Direitos e oportunidades	12
1.2 Redução das etnias.....	13
CAPITULO II	21
2.1 Haiti: a história excluída do Ocidente.....	21
2.2 Ascensão de Toussaint	24
2.3 A guerra da Independência.....	28
CAPÍTULO III	31
3.1. Imigração para o Brasil	31
3.2 Análises das reportagens	36
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

O evento Copa do mundo realizado aqui no Brasil em 2014 proporcionou que muitos turistas viessem para o país, uns para participar e curtir o evento enquanto outros para trabalhar, principalmente na área da construção civil. Aqui em Curitiba não foi diferente dos demais estados brasileiros, pois muitos imigrantes negros trabalharam na reforma do estádio de futebol Joaquim Américo e nas ruas e calçadas em torno do local.

Diariamente faço o trajeto para o meu trabalho que fica próximo a este estádio que foi revitalizado e observei que mesmo com o fim do evento muitos imigrantes negros permaneceram na cidade e como sou estudante do curso de Especialização à distância de Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Paraná (UFPR) obtive um leque de conhecimentos e tive interesse em fazer o meu trabalho de conclusão de curso sobre imigração; sendo que comentei no meu ambiente de trabalho acerca deste estudo e gerou polemica porque a maioria dos meus colegas de trabalho expressaram suas opiniões em relação as questões relacionadas ao trabalho, moradia, família, educação saúde e assistência social destes imigrantes em Curitiba. Porém, nem todos tinham conhecimentos de serem Haitianos; esta questão esta relacionada ao fato das etnias raciais negras existentes no Brasil serem consideradas africanas e não serem levados em conta suas nacionalidades culturais.

Diante deste contexto buscamos obter conhecimento sobre as dificuldades, problemas e motivações que os Haitianos enfrentam em Curitiba. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo geral analisar os motivos e as implicações políticas da imigração dos Haitianos para o Brasil e como objetivos específicos descrever alguns aspectos sobre a imigração dos Haitianos para o Brasil; Apresentar a história da Revolução Haitiana e o desenvolvimento através da intelectualidade contemporânea no Haiti; analisar os posicionamentos da mídia sobre o processo migratório haitiano no Brasil.

No primeiro capítulo falamos sobre os direitos e oportunidades que embora sejam naturais das pessoas nem sempre são respeitados. Em tempos de

globalização a discriminação de alguns países desenvolvidos em relação aos subdesenvolvidos preocupa tanto o turista quanto o imigrante, que em ambos os casos sofrem com o preconceito. Independente da nação a qual pertencemos, faz necessário despertar a consciência sobre a igualdade entre seres humanos e empatia no que se refere aos Direitos e as oportunidades.

Na seqüência abordamos o assunto *Redução das etnias* utilizando o texto do sociólogo Aníbal Quijano (1992) que trata sobre a Colonialidade do poder, o eurocentrismo e a América latina. Neste texto, observou-se o viés da colonialidade junto com a globalização um novo padrão de poder mundial, bem como da dominação e exploração de acordo com a idéia raça. Embora com características e culturas diferentes, os negros e os índios foram reunidos sob uma única classificação racial, sempre comparado aos brancos enquanto civilizados. Há divergência, os europeus se esqueceram da contribuição de vários povos como os Incas com inteligência avançada para a época na construção de cidades, além de outras culturas como a japonesa para o desenvolvimento das nações.

Finalizando este capítulo, o estudo de STUART, HALL (2006), sobre Identidades Culturais. Embora a identidade seja algo pessoal, atualmente a identificação se tornou politizada devido ao nosso envolvimento em vários movimentos com identidades sociais, como o das feministas, dos negros e ecologistas. A globalização é uma vertente das mudanças de identidades, através do consumo de bens e serviços, da imigração em busca de uma vida melhor, bem como do fortalecimento de identidades locais gerando a violência e exclusão.

No segundo capítulo, não poderíamos deixar de utilizar o Livro *Os Jacobinos Negros* de JAMES (2003), especificamente os capítulos IV *Las Masas de Santo Domingo Comienzan* e o XIII *La Guerra de La Independência*, que primeiramente focou na rebelião dos escravizados que foram acometidos pela violência, pela exploração, chicotadas e pouca comida nas grandes áreas de plantação de açúcar. Depois enfatizamos a ascensão de Toussaint, homem muito importante, integro e culto para o exército francês, um dos maiores líderes da Revolução de São Domingos contra a própria França porque acreditava na libertação dos escravizados. Acreditou que os princípios da Revolução Francesa se estenderiam para a Colônia de São Domingos, principalmente o principio de fraternidade, o que de fato não

aconteceu senão por meio de uma guerra civil que durou anos, adiante de sua morte, com a derrota da França pelos Jacobinos negros. Embora acusado de traidor pelo exército da França, conquistou seu espaço na história por lutar e acreditar na independência da Ilha de São Domingos.

Também destacamos tópicos importantes da vida do intelectual e poeta Jacques Roumain representante da elite do seu país, defendia o programa indigenista e passa a ser um dos fundadores da revista cultural para divulgar e propagar a cultura haitiana.

O Haiti é a primeira República negra do mundo, conquistou sua independência em 1804, foram 13 anos de intensas lutas e muito sangue derramado de vários escravos negros e mulatos que morreram pela liberdade e independência do país. O idioma é o crioulo e a religião oficial atualmente é o catolicismo embora a tradicional seja o vodu.

Em 2009, ainda com a situação sociopolítica frágil, o país sofreu as consequências de dois tremores e um terremoto de magnitude sísmica de 7.3 na escala Richter, que devastou o país e a morte de várias pessoas. Povo valente os haitianos não reclamam, imigraram para vários outros países além do Brasil em busca de emprego e melhores condições de vida.

No terceiro capítulo explanamos acerca da recepção midiática no Brasil sobre os haitianos. Trata-se de informações relevantes quanto às questões de moradia, emprego, saúde e assistência social, além das políticas públicas do governo para atendimento destes imigrantes. Posicionamentos críticos e a favor quanto a residência desses imigrantes no Brasil, e sobre a política de imigração Brasileira.

Finalizando o capítulo fizemos uma análise de algumas reportagens do Jornal Zero Hora no auge da diáspora haitiana no Brasil e do Jornal a Gazeta do povo sobre a questão dos haitianos começarem a desistir do sonho brasileiro. Para tanto utilizamos o método de pesquisa conceito de *enquadramento* que se apresenta como útil para identificar as formas de interpretar ou significar um acontecimento, tema e as disputas de sentido aí desenvolvidas.

CAPITULO I

1.1 Direitos e oportunidades

Quando se diz que todos os seres humanos nascem iguais está se afirmando que nenhum nasce valendo mais do que outro. (...) Portanto, todos são iguais, não importando onde nasçam, quem sejam seus pais, a raça a que pertençam ou a cor de sua pele. (DALLARI,1998,p.32)

Assim sendo, como explicar o porquê da sociedade em tratar certos grupos humanos oferecendo muito mais oportunidades do que para outros? A questão não é só por nascer na pobreza que muitas pessoas são tratadas como inferiores às outras, pois normalmente se observa a negação do direito de igualdade em todos os casos de discriminação social, de raça, de cor, de crença e de sexo. Por isso, mesmo antes de conhecer uma pessoa, de verificar seus costumes e comprovar sua capacidade, outras pessoas julgam que ela será mal educada, ignorante ou incompetente, baseando-se apenas na imagem que tal pessoa representa.

Desse modo, toda vez que a pessoa é vítima de preconceito ocorre a negação do direito à igualdade. É por isso que a Organização das Nações Unidas (ONU) condena os preconceitos e em muitos países existem leis proibindo que pessoas sofram qualquer tipo de discriminação. Entretanto, nos últimos tempos algumas práticas discriminatórias foram agravadas pela globalização, visando aumentar a submissão dos países menos desenvolvidos que, por efeito, tende a eliminar os direitos dos trabalhadores. Por exemplo, a tecnologia dispensa uma boa parte do trabalho humano, além de acrescentar mão-de-obra mais barata dos países pobres, sobretudo porque os direitos dos trabalhadores desses países foram eliminados ou não são respeitados.

Tais fatores somados ainda ao controle da circulação mundial do dinheiro e das mercadorias por grupos poderosos vêm aumentando as distâncias entre países pobres e ricos. Uma das consequências tem sido o aumento das migrações para os

países mais desenvolvidos. Entretanto, de outro lado, esta situação causa o aumento das discriminações contra os emigrados. Na Alemanha, na Inglaterra, na França e em outros países, e, sobretudo naqueles que tiraram grande proveito do colonialismo. Com isso, a chegada de emigrantes das antigas colônias vem despertando reações violentas:

Assim, “os turcos na Alemanha, os árabes e negros na França, os indianos e africanos na Inglaterra, os latinos americanos, asiáticos e africanos nos Estados Unidos são considerados indesejáveis e são tratados como criminosos em potencial, usurpadores dos postos de trabalho e usuários indevidos dos serviços sociais (DELLARI apud. GOMES, 2011, p. 45)

Além destas manifestações discriminatórias, há também os conflitos religiosos e sexuais. No Brasil, a Constituição Federativa Brasileira expõe a lei que imputa punição a “qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.” (Constituição Federativa Brasileira, 1988, art.5º, inciso XLI), todavia na prática o que se pode observar são as oportunidades oferecidas para um setor social e quanto para outro não ocorre de maneira igualitária. Porém de que maneira a oportunidade enquanto princípio a todo direito humano é formulada de modo discrepante no Brasil?

1.2 Redução das etnias

O panorama histórico da América Latina contém uma relação de primeiro momento não percebida, porém de grande atuação, a Globalização, conforme alguns autores, a Globalização começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado. Esta tríade proporcionou um novo padrão de poder mundial. Diante de tais considerações o presente tópico se deterá na pesquisa do sociólogo Aníbal Quijano que constrói argumentos que fundamenta a relação acima descrita. Adicionado a posição de raça, já que, segundo Quijano (1992, p.227),”um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação

social da população mundial de acordo com a idéia de raça”. Raça desde muito cedo foi construída como referencias a supostas estruturas biológicas diferenciais entre grupos.

Por isso, o autor destaca para dois processos históricos que se convergiram e se associaram para a constituição da América. Primeiramente, a ideia de raça em seu sentido moderno, ou seja, uma distinta estrutura biológica que situava a uns a inferioridade em relação a outros, como elemento principal de dominação que a conquista exigia. E por subseqüente todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e produtos, em torno do capital e do mercado mundial teve nas relações sociais fundadas nessa ideia que produziu na América as seguintes identidades raciais, índios, negros e mestiços. Enquanto que o espanhol, português e europeu, que indicavam procedência geográfica, foram redefinidos para uma nova conotação racial em relação às novas identidades, pois estas identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais e ao padrão de dominação que se impunha.

Assim, de acordo com Quijano (1992, p.229), “raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população” Os traços fenotípicos, a cor dos colonizados são características emblemática da categoria racial. Os negros como a raça colonial mais importante e os índios não faziam parte desta sociedade colonial enquanto os dominantes chamavam a si mesmos de brancos, além dos amarelos e azeitonados. Cada forma de controle do trabalho esteve associada com a raça particular e ou gente dominada.

A classificação racial da população e a velha associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica de que o trabalho pago era privilégio dos brancos. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. (...) O controle de trabalho no novo padrão mundial constitui-se, assim, articulando todas as formas históricas de controle do trabalho em torno da relação capital trabalho assalariado, e desta forma sob o domínio desta. O capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos.(...) E nessa medida e dessa

maneira, a Europa e o europeu se constituíram no centro do mundo capitalista. (QUIJANO, 1992,p.235).

A Europa, como centro do capitalismo mundial, atribuiu novas identidades geoculturais na América, África, Ásia e Oceania. Acrescentando as formas e o nível de desenvolvimento político e cultural. Dessa maneira o controle da subjetividade, da cultura e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento, também se concentrou sob a hegemonia da Europa. Nesta categoria, o Oriente tem dignidade suficiente, para ser considerado o outro, ainda que inferior ao Ocidental, porque na Ásia foi conservada uma parte importante da história e da herança cultural. Por outro lado, reprimiram como puderam as formas de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de cultura, principalmente entre os índios da América ibérica e na África, pois tais grupos eram considerados primitivos.

Nesse caminho, forçaram os colonizados a apreender parcialmente a cultura dos dominadores no campo das atividades material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa.

Não seria possível explicar de outro modo a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois principais mitos fundacionais. Um , a idéia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. E dois, outorgar sentido as diferenças entre Europa e não Europa como diferenças de natureza (racial) e não da história do poder. Ambos os mitos podem ser reconhecidos. Inequivocamente, no fundamento do evolucionismo e do dualismo. Dois dos elementos nucleares do eurocentrismo (QUIJANO, 1992.p. 238).

De acordo com o autor, os Europeus imaginaram e pensaram como os “modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie” (QUIJANO,1992, p.239). Porém, houve resistência a essa perspectiva histórica, e na América Latina, em especial após a Segunda Guerra Mundial, vinculado ao debate sobre a questão do desenvolvimento–subdesenvolvimento, um dos argumentos mais usados foi que a modernidade é um fenômeno de todas as culturas, não apenas da européia ou ocidental.

As chamadas altas culturas (China, Índia, Grécia, Maia-Asteca, Tauantínsuio) (...) com as cidades, os templos e palácios, as pirâmides, ou as cidades e monumentais, seja Machu Pichu ou Boro Bodur, as irrigações, as grandes vias de transportes, as tecnologias metalíferas, agropecuárias, as matemáticas, os calendários, a estrutura, a filosofia, as histórias, as armas e as guerras, mostram o desenvolvimento científico e tecnológico em cada uma de tais altas culturas (QUIJANO, 1992, p. 240)

Por consequência, os defensores da Europa da modernidade costumam apelar para a história cultural do antigo mundo heleno-românico e ao Mediterrâneo antes da América para sua defesa e legitimidade. Entretanto é necessário expor que parte realmente avançada desse mundo do Mediterrâneo era islâmico-judaica e foi dentro desse mundo que se manteve a herança cultural greco-romana, as cidades, o comércio, a agricultura comercial, a mineração, os têxteis, a filosofia, a história, a mercantilização da força de trabalho; a relação capital salário emergiu nessa área e foi em seu desenvolvimento que se expandiu posteriormente em direção ao norte da futura Europa Ocidental que estava dominada pelo feudalismo e seu obscurantismo cultural.

Com a derrota do Islão e do posterior deslocamento da hegemonia sobre o mercado mundial para o centro norte da futura Europa, graças a América, começa também a deslocar-se ao centro da atividade cultural a essa nova região. Assim, essa perspectiva geográfica da história e da cultura que se impõe como mundialmente hegemônica implica obviamente uma nova geografia do poder, pois até a idéia de Ocidente e Oriente é tardia e parte da hegemonia britânica. Assim, para Quijano (1992, p. 241), “a pretensão eurocêntrica de ser exclusiva produtora da modernidade, e de que toda população não européia são, portanto uma europeização, e uma pretensão etnocentrista e além de tudo provinciana”.

Outro ponto que o autor destaca é que o atual padrão de poder mundial tem três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da população mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo. Sua globalidade implica em práticas sociais comuns para todo o mundo, e uma forma de orientação valorativa do conjunto, como o Estado-nação, família burguesa, a empresa, a racionalidade eurocêntrica. Desse a modernidade “trata-se de algo novo e diferente, específico

deste padrão de poder mundial (QUIJANO, 1992, p.243)". Porém, as mudanças ocorrem em todos os âmbitos da existência social dos povos, de seus membros individuais, tanto na dimensão material como a dimensão subjetiva dessas relações. Isto não distancia do fato de que a modernidade é também uma questão de conflitos sociais.

O interessante é que se sabe da existência do capital muito tempo antes da América, entretanto o capitalismo como sistema de relações de produção se trata da heterogênea engrenagem de todas as formas de controle do trabalho e de seus produtos que desde então constituiu a economia mundial e seu mercado. Esta articulação do sistema capitalista que se relacionam entre si e de forma heterogênea em termos de povos e histórias articulados nele descontinua ou mesmo conflitiva é igualmente válida com relação às raças. "tantos povos diversos e heterogêneos com heterogêneas histórias tendências históricas de movimento e de mudanças foram reunidos sob uma única classificação racial, índio ou negro" (QUIJANO, 1992, p. 251).

No entanto o processo do sistema capitalista não pode de nenhum modo ser uma transformação homogênea e contínua do sistema inteiro e poderia ser desmantelado.

Na racionalidade eurocêntrica o "corpo" foi fixado como "objeto" de conhecimento, fora do entorno "sujeito/razão". [...] Dessa perspectiva eurocêntrica, certas raças, são condenadas como "inferiores" por não serem sujeitos "racionais". São objeto de estudos "corpo" em consequência, mais próximas da natureza. Em certo sentido, isto os converte em domináveis e exploráveis (QUIJANO, 1992, p. 253).

Assim, algumas raças como os negros, os índios, e os amarelos estão mais próximos da "natureza" que os brancos. Este dualismo não afetou somente as relações raciais mais também os de gêneros, principalmente das mulheres que quanto mais inferiores fossem suas raças mais perto da natureza.

Essas idéias mitificadas de "progresso" e de um estado de natureza humana deu vazão à perspectiva histórica dualista/evolucionista que considera que os não europeus puderam ser considerados como pré-europeus e ao mesmo tempo devido às consequências históricas do primitivo ao civilizado, do irracional ao racional, do

tradicional ao moderno, do mágico-mítico ao científico e a algo que com o tempo se europeizará ou modernizará.

Entretanto, como exemplos claros desta tragédia de equívocos na América Latina é a história da chamada questão nacional e o problema do estado nação que se trata de uma sociedade nacionalizada e por isso politicamente organizada, uma estrutura de poder. Que de acordo com Quijano (1992, p.256), “o Estado-nação, iniciou-se como um processo de colonização de alguns povos sobre outros que nesse sentido eram povos estrangeiros”. E o autor ainda escreve:

O processo de homogeneização dos membros da sociedade imaginada de uma perspectiva eurocêntrica como características e condição dos Estados-nação modernos, foi levado a cabo nos países do Cone Sul latino-americano não por meio da descolonização das relações sociais e políticas entre os diversos componentes da população, mas pela eliminação massiva de alguns deles (índios, negros e mestiços). Ou seja, não por meio da democratização fundamental das relações sociais e políticas, mas pela exclusão de uma parte da população. Dadas essas condições originais, a democracia alcançada e o Estado-nação constituído não podiam ser afirmados e estáveis. (QUIJANO, 1992, p. 263)

Por isso que as minorias brancas no controle dos Estados independentes e das sociedades colônias não tinham interesse social comum com os índios, negros e mestiços, ao contrário seus interesses eram antagônicos, dados que seus privilégios compunham do domínio/exploração dessa gente e por isso seus interesses estiveram muito mais próximos de seus pares europeus e a seguir os interesses da burguesia européia.

Na América Latina, a burguesia com mais capital comercial foi forçada a produzir os bens de consumo ostentador que antes tinham que importar. Assim, o processo de independência dos Estados na América Latina não pode ser e não foi um processo em direção ao desenvolvimento dos Estados-nação moderno, mais uma coloniedade do poder sobre novas bases institucionais que ainda exerce seu poder, na maior parte da América Latina, contra a democracia, a cidadania, a nação e o Estado-nação moderno. Em suma uma das quatro trajetórias históricas e linhas ideológicas acerca do problema Estado-nação.

A imposição de uma ideologia de “democracia racial” que mascara a verdadeira discriminação e a dominação colonial dos negros, como no Brasil, na Colômbia e na Venezuela. Dificilmente alguém pode reconhecer com seriedade uma verdadeira cidadania da população de origem africana nesses países, ainda que as tensões e conflitos raciais não sejam tão violentos e explícitos como na África do Sul ou no sul dos Estados Unidos (QUIJANO, 1992, p. 268).

Isto indica que existe um elemento que impede o desenvolvimento da culminação da nacionalização da sociedade e do estado e sua democratização e para o êxito é necessário que essa homogeneização consista num espaço comum de identidade e de sentido para a população de um espaço de dominação. É o resultado da democratização da sociedade que desse modo pode organiza-se e expressar-se num Estado democrático: “a idéia de raça como instrumento de dominação foi sempre um fator limitante destes processos de construção do Estado-nação, baseado no modelo eurocêntrico” (QUIJANO, 1992, p. 269).

Enfim, a sociedade da América latina é na melhor das hipóteses fundamentalmente feudal ou semi-feudal, visto que o capitalismo é ainda marginal e subordinado. A economia e a sociedade da América Latina são capitalistas e isto implica que o capital como relação social de produção é dominante e o burguês é também dominante da sociedade e no Estado.

Para o autor “a dominação é o requisito da exploração, e a raça é o mais eficaz instrumento de dominação que associado à exploração serve como o classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 1992, p. 272). e somente através de um processo de redemocratização da sociedade pode ser possível a construção de um Estado-nação moderna, com suas implicações, incluindo a cidadania e a representação política

O que pudermos avançar e conquistar em termos de direitos políticos e civis, numa necessária redistribuição do poder, da qual a descolonização da sociedade é a pressuposição e ponto de partida. Está agora sendo arrasado no processo de reconcentração do controle do poder no capitalismo mundial e com a gestão dos mesmos responsáveis pela colonialidade do poder. Conseqüentemente, é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho

eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos (QUIJANO, 1992, p. 272).

Porém, essa dificuldade continua atualmente por causa da reconstrução de identidades pela qual a humanidade obtém através da globalização. Perante isso, o sociólogo Stuart Hall (2006) escreve que as sociedades modernas estão sempre em constantes processos de mudanças rápidas e permanente. Dessa forma, as sociedades da modernidade tardias são caracterizadas pela “diferença” e atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem identidades para os indivíduos, isto é a identidade muda de acordo com a forma de como o sujeito é representado, a identificação tornou-se politizada. Assim cada movimento apela para a identidade social de seus sustentadores como o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos anti nucleares e ecológicos.

As identidades culturais estão sendo afetadas pela globalização, mas não importa o quanto seus membros são diferentes em termos de classe, gênero ou raça, a identidade cultural busca representá-los como pertencentes à mesma e grande família nacional.

A globalização se refere aqueles processos atuantes em escala global que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades, tornando o mundo em realidade mais conectado; sendo que desde a década de 70 tem acelerado os fluxos e os laços entre as nações e as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades híbridas estão tomando seu lugar. O movimento para fora de mercadorias, estilos ocidentais e identidades consumistas, têm um movimento enorme de migração não planejada, as pessoas mais pobres do globo acabam por acreditar no consumo global e se mudam para onde vem os bens e por uma vida melhor. Este efeito tem o processo de provocar o alargamento do campo das identidades e uma produção de novas identidades bem como o fortalecimento de identidades locais, que pode ser visto na reação de recuo e ou defensiva de membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas, isto está baseado em racismo cultural e de exclusão.

Com essas observações, percebemos que o problema da identidade na América Latina tornou-se por muito tempo uma invenção que o branco europeu

formulou naquele território novo. No entanto, uma ilha será a primeiro movimento contrário a essa determinação europeia, para isso o próximo capítulo tratará da formação do Haiti e sua posição no mundo.

CAPITULO II

2.1 Haiti: a história excluída do Ocidente

Depois do terremoto no Haiti mais de 1,2 milhões de haitianos perderam suas casas e se abrigam em barracas que servirão de lar nos próximos vinte anos. O Haiti é a nação mais pobre do hemisfério Ocidental e seu nome é associado a imagens de sofrimento. O cataclísmico terremoto que devastou Porto Príncipe, ditadores brutais, os Tonton Macoute, golpes militares, rebeliões, escassez de comida, multidões em fila para receber ajuda internacional, além da depreciação estereotipada de uma religião digna, o Vodou.

A revolução Haitiana conquistou sua independência em 1804, sobre as forças da França de Napoleão Bonaparte o mais poderoso exército do mundo. Sua libertação marcou como a única e bem sucedida rebelião de escravos no mundo, pois os escravos derrubaram seus senhores e fundaram a primeira e única república negra no Novo Mundo ou na África.

Em 1806, na primeira Constituição do Haiti, os haitianos serão chamados apenas de negro e mais tarde de pan-africanismo como uma consciência política “negra” transnacional. Na constituição de 1816, Alexandre Pétion, presidente do Haiti, no artigo 44, declarou “Todo africano, índios ou aqueles que levam seu sangue, nascidos nas colônias ou em países estrangeiros e que vivem a viver na República, serão reconhecidos como haitianos”. Esta foi a primeira vez que um governo considerou todas as pessoas de ascendência africana como cidadãos ou membro de um grupo unificado. Embora reconhecendo que nem todos os grupos étnicos africanos fossem vítimas do tráfico transatlântico de escravos e que algumas elites africanas se dedicaram a ganhar dinheiro vendendo a europeus outros grupos

étnicos africanos que seriam transportados para o novo mundo. Desta, forma o comércio de escravos criou ironicamente uma identidade “negra” pan-ética que se manifesta de muitas formas.

Em, 1871, Frederick Douglas, ministro e cônsul geral dos estados unidos do Haiti, tentou anexar São Domingos como mais um estado dos Estados Unidos, visto seu desejo de criar o primeiro estado negro da União, “uma Irma negra de Massachusetts”, e rumo a um processo de incorporação de grande parte do Caribe, para formar a Grande Republica Ocidental, transformando para sempre o equilíbrio racial da população dos Estados Unidos, aumentando o número de eleitores e o potencial de oposição ao crescimento da Ku Klux Klan.

Segundo historiados e de acordo com o banco de dados do comércio Transatlântico de Escravos estima em 770 mil escravos levados ao Haiti enquanto durou o trafico escravista em uma área um pouco maior que o estado de Alagoas. Uma nação negra num mar de colônias espanholas, portuguesas, holandesas, inglesas e francesas.

No século XIX a cor como classe tanto no Haiti como na Republica Dominicana tem sido um aspecto importante e como uma problemática desde seu surgimento sendo bem traduzido por um provérbio popular no Haiti: “Preto rico é mulato; mulato pobre preto é”, e ou “preto rico que sabe ler e escrever é mulato; mulato pobre analfabeto preto é”. Este discurso racial haitiano liga ao de filósofos iluministas como Hume, Kant, Jefferson e Hegel, uma vez que todos apontaram a ausência ou presença da razão ou da alfabetização como justificativa para se classificar os afros descendentes abaixo dos europeus na grande cadeia do ser.

Em 12 de janeiro de 2010, o pior terremoto em mais de duzentos anos sacudiu a cidade e o país com uma força descomunal, com 7.0 na escala Richter, o sismo arrasou quase toda a cidade. Mais de 220 mil haitianos perderam a vida e ainda hoje 1,5 milhão continuam desabrigados. O mundo prometeu uma ajuda de 10 bilhões de dólares, mas grande parte desse dinheiro não chegou ao Haiti. [...] Autoridades haitianas declararam que reconstruir a capital levará 25 anos (GATES, 2014, p. 21).

A devastação da cidade foi total e milhares de famílias vivem em cidades de barracas, sem eletricidades ou água corrente, buscando águas em bicas e usando

banheiros químicos e outras centenas de pessoas vivendo uma situação ainda pior em gigantescos campos de desabrigados. Com tudo isso havia esperança e os haitianos tocavam a vida, conversando e ajudando-se uma as outras e são resistente.

A cultura Haitiana advém de várias etnias africanas bem como de influências européias, sua população fala o créole língua nacional criada por haitianos. Os haitianos se orgulham de serem negros e através de monumentos em praças reconhecem seus fundadores negros e que os escravos e seus descendentes lutaram em muitas guerras de independência na América latina. Os estilos musicais do Haiti vieram de muitas etnicidades diferentes da africana, pois a África é um continente de muitas culturas e de maior diversidade genética do mundo. O créole é uma mistura de línguas de várias nações da África Ocidental, com elementos do francês, do espanhol, do árabe. Inegavelmente africana,

Complexa e fascinante, a religião é o vodu, uma mistura de religiões africanas e européias, porém atualmente em grande parte do país a religião oficial é a católica, sendo que a maior parte dos habitantes pratica ambas as religiões ao mesmo tempo. O vodu tem sido, muitas vezes demonizado pelo Ocidente como também no Haiti, pela magia e bonecos espetados com alfinetes, negros com ossos fincados no nariz, transe assustadores e rituais com sacrifícios de animais. Era a religião dos escravos, fonte de consolo para eles e unidos achavam forças para lutar contra seus opressores. Foi em Bois Caiman, vila humilde e em torno de uma grande árvore que a revolução foi proclamada, numa cerimônia de vodu. Os haitianos têm uma rica cultura de tradição oral, os moradores da região transmitem de geração para geração a história da revolução. O vodu foi elemento aglutinador que dava sentido a tudo e a todos e havia também o créole que se tornou a língua nacional e isso deu aos escravos poder para a revolução.

A cidadela, edifício monumental construído com ferramentas simples e por negros, arquitetos e engenheiros de origem haitiana e francesa para defender uma nação; é a maior fortaleza do hemisfério ocidental que esta de pé.

O Haiti foi a colônia mais lucrativa da história da colonização e teria se tornado uma das economias mais ricas do mundo se não tivessem abandonados seu nível de produção açucareira, pois todos os meios de produção que estava

associado à escravidão foi destruído, desde do sistema de aldeias e o sistema viário, juntamente com a maquinaria de engenhos até o café. Em sua paixão pela liberdade e na pressa de deixar o passado para trás eles decretaram sua própria destruição econômica, sem desenvolver opções econômicas alternativas. O comércio entre o Haiti e o mundo se manteve, porém as relações de trocas eram desiguais e tratados por outras nações com injustiça e exploração.

Segundo Gates (2014, p.247) “Aquela nação estava independente desde 1804, mas grandes potências nunca lhe deram a menor chance de se desenvolver, livre de sua interferência”. Os problemas do Haiti não tinham sido causados apenas pelo mundo exterior, também sofrerá com alguns governantes brutais e extremamente corruptos, como Duvalier que obrigou os melhores e mais brilhantes talentos do Haiti a irem embora do país. Por isso para Gates (2014, p. 250): “O Haiti fora escorraçado do mundo ocidental por ser livre e negro e ainda hoje paga por esta exclusão, mas é também forte como o ferro, seu povo é extremamente resiliente, e orgulha-se de ser negro”.

2.2 Ascensão de Toussaint

A ilha onde Cristovão Colombo aportou na América no final do século VX foi batizada de Hispaniola, e foi explorada pelos colonizadores a serviço da coroa espanhola, utilizando a mão de obra dos nativos. Em 1629, os franceses chegaram na parte ocidental da ilha se opondo aos Holandeses e ingleses e após a luta com os Espanhóis a ilha foi dividida entre a França e Espanha. No final do século VXII a Espanha, através do tratado de Rijswijk, de 1697, a Espanha cedeu o território ocidental da ilha a França, o qual foi chamado Ilha de São Domingos, que desde então passou a ser a mais produtiva colônia francesa na América. Com a mão de obra extinta dos nativos, os franceses trouxeram os Africanos.

Os escravos trabalhavam na agricultura e por imensas áreas açucareiras e a ilha se tornou grande exportadora de açúcar, café e outros produtos agrícolas e um porto de comércio americano e europeu, inclusive, um desembarque de cativos africanos, que se tornou um comércio muito lucrativo. Foi com esta importância que

os colonos Franceses buscaram representação na Revolucionária França, sua metrópole.

Em virtude de suas condições de vida, escravidão, pouca comida e muitas chicotadas, o método de trabalho se tornou um dos mais avançados na época, um movimento de proletariado moderno e preparado. A população colonial da época de forma simplificada era em São Domingos a maioria escravos que poderiam ser negros ou mulatos, e havia uma proporção de escravos negros livres de acordo com o Código Negro promulgado por Luis XIV em 1685. Os bancos se dividiam em brancos ricos que eram os proprietários e ocupantes de postos da burocracia local enquanto que os brancos pobres desenvolviam atividades administrativas e na sociedade colonial eram artesões, advogados e pequenos comerciantes. O lema, liberdade, fraternidade e igualdade não tinham na França e em São Domingos o mesmo significado.

Em 1791 se preparavam para a Revolução Francesa e o Vodou era a ferramenta da conspiração, apesar da proibição. Os escravos percorriam grandes trajetos para praticar seus rituais, conversar e saber sobre as notícias políticas, bem como elaborar seus planos, desde que havia iniciado a Revolução. Boukman um negro gigantesco era o líder e capataz, mantinha contato tanto com os brancos como com os negros e assim sabia a situação política. No final de 1791, tinham como objetivo exterminar os brancos e se apoderar da colônia. Seriam doze mil escravos, sendo que seis mil eram homens. Uma noite os escravos dos subúrbios e arredores da capital atacaram fogo nas plantações e massacraram os brancos, levando a uma completa destruição. Segundo James (2003, p.92) “Esta revuelta muestran a Boukman a La cabeza Del linaje de grandes líderes a los que seguirían profusa y rápidamente los escravos en años venideros.”

Em 21 de agosto, alguns rebeldes foram presos e De Blanchelande precedia o interrogatório a estas pessoas, porém as informações obtidas eram vagas e não conseguiram arrancar dos prisioneiros a identidades dos líderes. Adota medida de precauções para a cidade contra os escravos e ordena que se patrulhe nos subúrbios. Eles depreciavam os escravos para considerar capazes de organizar um movimento de massa em grande escala.

No Bosque de Morne Rouge, uma montanha que rodeia a capital, Boukman dava as últimas instruções com sangue de sacrifícios de vítimas do ataque, no ritual Vodou.

El dios que creó AL sol que nos alumbra, que riza lãs olas y gobierna lãs tormentas, aunque oculto tras las nubes, nos contempla. Ve todos los actos de los blancos. El dios de los blancos incita al crimen, pero el dios de los negros inspira la bondad. Nuestro buen dios nos ordena vengar nuestras ofensas. Él dirigirá nuestras armas y nos ayudará. Derribemos el símbolo del dios blanco que tan a menudo nos obligado a ilorar, escuchemos la voz de la libertad, que habla en el corazón de todos nosotros (JAMES, 2003, p. 93).

Atearam fogo nas plantações e durante três semanas os habitantes da capital não distinguiam o dia da noite devido as imensas nuvens de fumaça, além da destruição da população. Os escravos buscavam salvação num recurso lamentável, destruíram tudo ateando fogo nas plantações porque era a causa de seus padecimentos e porque haviam sofrido muito. Se as plantações continuassem em pé, seu destino consistiria trabalhar cada vez mais. Por seus senhores haviam conhecido a violência, a tortura, o desagrado, a provocação e a morte. Retribuíram como aprenderam. No combate assassinaram quanto se puderam. Vingança, vingança era o grito de guerra: “As mulheres haviam sofrido incontáveis violações, violavam a honra de cada mulher que caíam em suas mãos, muitas vezes na presença de seus esposos, de seus pais e de seus irmãos” (JAMES, 2003.p.94).

A Revolução se avança na medida em que se uniram aos negros livres. Um plantador de Port Margot havia ensinado a seu capataz a ler e escrever e havia concedido a liberdade, deixando o em seu testamento dinheiro e terras para que pudesse dar andamento nas plantações de café. Este negro ateou fogo em suas plantações e encabeçou a Revolução. Os mulatos obedeciam aos negros, por serem escravos jovens. Tomaram a iniciativa de se unirem ao movimento contra o inimigo comum.

Com ansiedade e medo De Blanchelande repeliu o ataque das tropas de escravos na cidade e ordenou sua retirada, assim a revolução acontecia nos campos. No final de algumas semanas tiveram uma pausa para se organizar e foi

nesse momento que Toussaint Bréda se uniu a eles, para entrar humildemente na história. Era um homem de 45 anos, idade avançada para a época e que todos conheciam como Old Toussaint e se converteu em líder. Tinha experiência na função de administrador e autoridade no trato com os que gerenciavam as plantações. Cargo reservado as pessoas de diferentes classes sociais, sabia ler e escrever, além de obter informações sobre a política e a economia no solo de São Domingos, e dos impérios que participavam da expansão da colônia e do comércio.

O armamento que dispunham era um punhado de pistolas e revólveres confiscados, espadas oxidadas, varas com pontas de ferro e aros, em suma tudo quanto caía em suas mãos. Careciam de munições e a cavalaria montada era camelos e mulas exaustas.

Estavam divididos em dois grupos, sendo um sobre as ordens de Biassou e outro encabeçado por Jean François, nativo de Santo Domingo, muito inteligente e valente enquanto que Biassou sabia expulsar fogo pela boca e havia servido a ordem religiosa com padres da Caridade.

Semelhante aos brancos, os escravos negros se investiram com todas as atribuições e títulos militares e se denominaram a si mesmos como general, coronel, militares, comandantes e os líderes se vestiram com uniformes, cintas e chapéus dos inimigos mortos em combate encontrados nas plantações. Biassou e Jeanot atribuíram a si mesmos como brigadeiros e Jean François de Almirante. Apesar de quererem impressionar seus inferiores com ombreiras douradas e diversos atrativos da realeza do século XX, eram pessoas nascidas para mandar. Jeanot era um monstro degenerado que bebia o sangue de suas vítimas brancas e cometia abomináveis crueldades. Jean François ordenou que fosse fuzilado.

Muitos mulatos conseguiram o lugar de seus líderes negros. Porém Jean François e Biassou desde o início da Revolução seguiram até o fim. Toussaint se uniu ao grupo de Biassou e Boukman foi morto pelos brancos e sua cabeça foi exibida como chefe dos rebeldes.

Em solo de Porto Príncipe grupos de mulatos se congregaram a um Distrito Croix des Boquets perto da capital e logo se formou um sólido núcleo de poder. O mulato Rigaud, teve educação em Burdeos e possuía instrução militar, pois havia se alistado no exército francês que combatia a guerra de independência dos Estados

Unidos. Virou um oficial e prestava serviços em Guadalupe, pertencia a uma família mulata que a muito tempo desfrutava de liberdade e de riqueza.

Rigaud e Beauvais eram soldados e se tornaram líderes dos mulatos e atacaram La Croix dês Bouquets. Mais tarde os mulatos e os brancos e os distritos circundantes celebraram um acordo com demandas de igualdade e sem mais guerra civil. Segundo James (2003,p.104), “os líderes brancos e os líderes mulatos marcharam para Porto Príncipe, seguido por suas tropas, aplaudidos com gritos de unidade e fidelidade.”

Entretanto, ocorriam grandes batalhas e os mulatos e os brancos cada um para seu lado se apropriaram do que puderam os mulatos de Jacmel e outras cidades. Os brancos cometiam horríveis atrocidades com os mulatos e estes se vingaram na mesma medida, após o trato que dispensava os escravos. Devido ao grande contingente de tropas em São Domingos e assustados e temerosos por uma derrota, Jean Francóis e Biassou se renderam. Os Jacobinos da França, os brancos e os mulatos de Santo Domingo seguiam considerando a revolta dos escravos como um gigantesco motim que seria reprimido em um momento devido pelos proprietários de escravos.

2.3 A guerra da Independência

A Derrota de Toussaint na guerra de Independência e sua morte são consideradas como uma tragédia. Em clima de guerra Toussaint tentou preservar a relação com a França que era essencial para o Haiti perseverar o longo e difícil caminho para a civilização, convencido que a escravidão não voltaria a imperar em Santo Domingo.

A Revolução Francesa com o Lema Liberdade, igualdade e fraternidade nem sequer havia debatido a abolição da escravidão, porém uma França revolucionária estava em suas declarações publicas, era o estágio mais avançado que poderia se imaginar. Toussain era tão fiel a França que estava convencido que Santo Domingo estava privado de uma Revolução com a França, enfim esperava o impossível.

Toussaint L' Ouverture lutou contra os franceses ao lado dos espanhóis e propôs que tomassem a colônia Francesa e concedessem a liberdade dos escravos, porém sua proposta não foi aceita. Fez a proposta aos Franceses que também não aceitaram, permaneceu com os espanhóis.

Em 1793 os franceses buscaram sua incorporação que foi juntada as fileiras e decretaram a liberdade aos escravos para compor as tropas e lutar contra os invasores estrangeiros e no ano seguinte a França aboliu a escravidão em todo o território da República Francesa. Nos anos seguintes foi retomada a escravidão em algumas colônias francesas. Toussaint recebeu o título de general da brigada por ter expulsado os ingleses e espanhóis das terras das colônias francesas. Toussaint foi importante no desenvolvimento da ilha após tantos anos de guerra, atuava tanto nas áreas de administração quanto nas áreas econômicas e jurídicas, bem como aboliu tarifas e impostos e demarcou fronteiras. Foi um líder conciliador pois lutava lado a lado em seu exercito de ex-escravos, negros, brancos e mulatos.

Em 1801 se tornou governador geral e vitalício na ilha de São Domingos e promulgou uma constituição. A religião oficial era o catolicismo e a ilha embora colônia francesa tinha leis particulares. A escravidão foi para sempre abolida a superioridade havia no exercício dos cargos públicos; a lei era a mesma para todos tanto para proteger quanto para punir; a liberdade e a segurança e a inviolabilidade de propriedade também foram contempladas.

Esta carta foi encaminhada para aprovação na França. Toussaint nem pensava em Independência somente em liberdade e que todos igualmente seriam cidadãos franceses. No entanto havia muitas coisas em jogo como propriedades, o comércio e todo o aparato econômico que estavam nas mãos dos rebeldes. O governo francês tentou voltar com a escravidão mais não teve regresso. O governo francês era importante para Toussaint, mais a liberdade dos escravos era seu principal objetivo desejava que todos fossem considerados como cidadãos livres para a garantia da igualdade civil.

Os colonos rebeldes se tornaram em um verdadeiro exército sob o comando de Toussaint que era respeitado tanto pelos seus subordinados quanto pelos seus superiores., entretanto, se tornará um obstáculo para as pessoas que queriam reaver seus direitos exclusivos da colônia e o retorno da mão de obra escrava.

Pressionado pelos colonos Napoleão Bonaparte encaminha seu cunhado general Charles Leclerc com uma expedição de vinte mil homens para pacificar a colônia, retomá-la visando um sistema colonial. Alguns colonos viram uma oportunidade de melhorar a relação com França e se aliaram a ele, e mais adiante Dessalines e Henry Christophe que assinaram um acordo com o general afim de manter suas patentes no exército. Também, Leclerc assinou um acordo com eles que não os desarmavam totalmente e por fim Toussaint aceitou a assinatura de um acordo que tinha como condição o não retorno a escravidão e que poderia se retirar para suas terras. No entanto, após três semanas Toussaint foi apontado como traidor da França, preso em sua casa e mandado para a metrópole, onde morreu de frio e pneumonia em uma prisão nos Alpes no ano de 1803.

Segundo James (2003, p. 287) “La primeira tentativa de Leclerc habia fracasado por completo. Las fuerzas de Toussaint, Christophe y Dessalines estaban intactas”.

Para manter o controle da colônia Leclerc deportou outros generais negros, entretanto suas tropas sofreram um surto de febre amarela e tiveram muitas baixas em combate devido a resistência. Leclerc morreu de febre amarela em 1802. Os rebeldes colônias e seguidores de Toussaint tiveram que lutar contra as forças francesas e Jean Jacques Dessalines e Henry Christophe lutaram junto aos rebeldes colônias em prol da independência da ilha

Em 1ª de janeiro de 1804 os franceses foram derrotados e os habitantes de São Domingos tiveram sua independência proclamada em por Dessalines. Agora conhecido como Haiti, foi o primeiro país a ter sua independência junto com a abolição da escravidão.

A declaração de independência foi assinada pelos generais e chefes do exército: Dessalines, Christophe, Pétion, Vernet, Gabard, todos que haviam lutado ao lado de Toussaint. Na declaração de Independência apenas um principio de adjetivado: Liberdade consagrada pelos sangues dos habitantes dessa ilha.

O Haiti sofreu um grande impacto do meio ambiente em suas terras devido ao terremoto e doravante a população busca reconstruir o país. A imigração para outros países foi a alternativa que muitos haitianos usam em busca de emprego e

recursos para suas famílias que vivem no Haiti. Assim, passamos para o próximo capítulo expondo sobre a imigração dos haitianos para o Brasil.

CAPÍTULO III

3.1. Imigração para o Brasil

A recente crise que se instalou na primeira república negra do mundo é devido a sua história, marcada por intervenções, regimes ditatoriais, corrupção, desastres ambientais e atualmente pela violência, desigualdade social e instabilidade política. A ex-colônia francesa enfrentou treze anos de lutas sangrentas para conseguir sua independência em 1804.

Posteriormente, entre 1915 a 1934, tropas dos Estados Unidos da América-EUA ocuparam o país com a alegação de garantir interesses estadunidenses durante a Primeira Guerra Fria e continuaram influenciando a política Haitiana ao apoiarem a Ditadura do médico François Duvalier, conhecido como *Papa Doc*. Após sua morte assumiu seu filho Jean-Claude Duvalier, o *baby Doc*. O período ditatorial da família Duvalier foi marcado pelo totalitarismo e pelo terror policial dos *tontons macoutes* (bichos-papões), guarda do governo que exterminou a oposição e perseguiu a igreja católica.

Em 1991, ocorreu um golpe de estado e Aristides foi retirado do país, retornando para o Haiti em 1994 com o apoio de uma coalizão militar liderada pelos EUA, com o aval da Organização das Nações Unidas – ONU e da Organização dos Estados Americanos – OEA. Jean-Bertrand Aristide foi eleito presidente, porém houve suspeita de fraudes eleitorais, estabelecendo uma crise entre governo e oposição. Em 2000, na segunda vitória para presidente, a revolta espalhou-se por todo o país e membros da oposição começaram a ocupar importantes regiões do país. Para conter a imigração de Haitianos fugindo da guerra civil e para conter a

onda de violência e a crise na ilha, os EUA com o apoio dos franceses obrigaram Aristides a renunciar.

Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU criou a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti), por meio da resolução 1542, para restaurar a ordem do país após um período de crise política que culminou com a deposição do então presidente Jean Bertrand Aristides. O Brasil foi apontado pela ONU como líder dessa missão com objetivos pacificadores no Haiti.

Em 2009, ainda com a situação sociopolítica frágil, o país sofreu as consequências de dois tremores e um terremoto de magnitude sísmica de 7.3 na escala Richter. Estima-se que 80% das construções de Porto príncipe, escolas, hospitais, prédios, postos policiais e o próprio palácio residencial foram seriamente danificados. "Cerca de 220 mil pessoas morreram e 1,5 milhão ficou desabrigado. No terremoto morreram a médica Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, e 18 militares brasileiros." (<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-01-12/saldo-do-terremoto-no-haiti-e-de-220-mil-mortos-e-15-milhao-de-desabrigados>)

Os oficiais do exército brasileiro na MINUSTAH, que há tempos trabalhavam no país, intensificaram ainda mais as relações de trabalho, após a tragédia. São inúmeros haitianos que aprenderam o português e se aproximaram dos brasileiros durante esse período, o que despertou o interesse e simpatia pelo povo brasileiro.

Atualmente, a situação sociopolítica do Haiti esta em queda, a população desnutrida e padecendo com rápida disseminação do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS e da bactéria da Cólera. Sem recursos e com desesperança faz com que muitos Haitianos imigrem principalmente para o Canadá, os EUA, a França, as Antilhas, a Republica Dominicana e o Brasil.

A copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas de 2016 e diversas oportunidades de desenvolvimento com grandes empresas multinacionais fizeram do Brasil um destino atraente para o refugio dos haitianos. O trajeto inicia-se a partir da República Dominicana, passando por países como Equador e Peru, chegando aos estados do Amazonas e do Acre.

No período de 2011 a 2012, segundo dados do Ministério da Justiça – MJ - entraram ilegalmente no Brasil quatro mil Haitianos pelas fronteiras do Acre e Amazonas. Atualmente, estes dados superam a marca de 10.000 haitianos em

território brasileiro. Conforme dados do Conselho Nacional de Imigração – CNlg, órgão colegiado vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, foram concedidas autorização de permanência somente para os Haitianos, 709 concessões em 2011, 4856 concessões em 2012, 2072 concessões em 2013 e 1893 concessões em 2014.

O Brasil mantém diversos projetos no Haiti como forma de impulsionar o desenvolvimento do país, como o auxílio na construção da usina hidrelétrica no Rio Artibonite e a Embrapa Hortaliças que incentiva a produção de hortaliças, além da atuação de diversas Organizações Não Governamentais - ONGS, como a Pastoral da Criança e o GAPPA, o Grupo de Apoio a Prevenção a AIDS. O Ministério do Esporte brasileiro em parceria com o Fundo das Nações Unidas - UNICEF promovem os programas como o Segundo Tempo e Pintando a Cidadania que têm o esporte como inserção civil aos jovens, pois estes programas incentivam a prática esportiva durante as atividades escolares e também ajuda na redução da violência no Haiti, já para os detentos foi instalada uma fabrica de bolas para exercerem trabalho remunerado.

A Secretaria Especial de Políticas para Mulheres e o Ministério da Saúde do Brasil contribuem para a prevenção à violência de gênero no país e atendimento às vítimas. Com o apoio do Banco Mundial, o Brasil atua no fornecimento de merenda escolar e de restaurantes universitários em todo o país. E na gestão do lixo em Porto Príncipe, visando a coleta de resíduos, o fornecimento de equipamentos e de consultoria e a capacitação de profissionais. O SENAI em Porto Príncipe prima pela mão de obra qualificada para construção civil. Em relação à saúde, o Brasil mantém os hospitais de campanha do exército e construiu diversas cisternas para fornecer água potável a população e em parceria com o Canadá realizam diversas campanhas para vacinação.

Entretanto os Haitianos continuam a chegar no Brasil, deslumbrados com a imagem cultural e esportiva e de um país acolhedor. A princípio solicitaram refugio com base no Direito Internacional dos Refugiados e na legislação do Brasil, porém o Conselho Nacional de Refugiados – CONARE, expressou que os motivos apresentados pelos estrangeiros, deslocamento por desastre natural, econômico e sócias não se enquadravam nas hipóteses de perseguição elencadas pelo direito

internacional e nem pela lei brasileira vigente. O caso foi encaminhado ao CNIG, que concedeu visto humanitário de residência aos haitianos, permitindo que eles possam trabalhar e estudar no Brasil. Assim o CONARE, outorgou um protocolo que lhes permite obter cadastro de Pessoa Física – CPF e a Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS.

Para os haitianos que estão em solo brasileiro a obtenção dos papéis é de três meses e o Estado do Acre, por meio da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, busca prestar auxílio aos haitianos. O Ministério Público Federal no Acre – MPF/AC, através da ação civil pública, consiste que a falta de reconhecimento de refúgio aos haitianos consistiria violação de seus direitos e os colocaria em situação de vulnerabilidade, expondo os crimes típicos de exploração humana, como: prostituição, trabalho escravo, tráfico de pessoas, extorsões, entre outros, e se deixar de presta-lhes assistência humanitária e ou dificultar-lhes o ingresso em território brasileiro o Brasil atenta duplamente contra os direitos humanos desses indivíduos.

Em 2012, com vistas a ordenar a diáspora haitiana para o Brasil, o governo Brasileiro publicou a resolução nº 97 do CNIG.

De acordo com a Lei 9.474 de 22 de julho de 1997, o Brasil considera refugiado o indivíduo que “ I. devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II. não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm>

Por meio da embaixada em Porto príncipe é concedido 1200 vistos anuais em um limite de 100 vistos por mês para os haitianos dispostos a trabalharem no Brasil. “Para obtenção do visto brasileiro deveria possuir passaporte em dia, comprovante de residência, atestado de bons antecedentes e pagar US\$ 200,00 e

aguardar um mês para emissão dos documentos.”

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/02/120228_haitianos_visto_jf.shtml>

Essas exigências inviabilizam grande parte da população haitiana de vir para o Brasil. Essas medidas consideradas pelo governo federal como essenciais para a segurança jurídica e pessoal dos imigrantes, foram duramente alvo de críticas pelas organizações voltadas à proteção dos Direitos Humanos porque dificulta a entrada de haitianos provenientes do Haiti, bem como de outros lugares como República Dominicana e incentivam a ação de grupos de coitês.

Salientam que os Haitianos que procuram o Brasil possuem algum grau de qualificação, não são refugiados iletrados e sem preparo. Muitos deles possuem curso técnico, curso superior e falam até três idiomas, entre eles o português, espanhol e o francês. Entretanto, o mercado de trabalho os explora, principalmente àqueles que estão em condição ilegal com a mão de obra barata e poucos direitos trabalhistas.

Apesar de tudo a imigração haitiana não cessou e o estado do Acre decretou emergência social em 2013. São mais de 800 imigrantes haitianos que estão vivendo em condições precárias. A superlotação em barracões com capacidade máxima para 200 pessoas sem saneamento básico e sem condições de higiene, com baixa nutrição e com esgoto a céu aberto faz com que vários haitianos adoeçam e sobrecarregam o sistema de saúde do Brasiléia.

Segundo Chagas (2013) “o Brasil liberou R\$ 784,00 mil para ajudar o governo do Acre nas ações emergências de atendimento aos imigrantes haitianos”

<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-04-19/haitianos-governo-federal-libera-r-784-mil-para-ajudar-governo-do-acre>>

As instituições da sociedade civil têm ajudados os haitianos com fornecimento de abrigo e alimentação; as paróquias e albergues estão superlotados de haitianos e alguns estados brasileiros têm ajudado com doações de colchões, de beliches e cestas básicas. Geralmente, são encaminhadas as vagas de emprego, nas áreas de informática, hotelaria, restaurantes, construção civil e indústria. Os empregadores com mão de obra faltante concordam que o governo poderia mediar e contribuir facilitando a regularização da documentação. É uma chance que os haitianos não querem deixar passar.

A embaixada brasileira estabeleceu que haverá novos postos em outros países credenciados pelo Itamaraty para emissão de vistos, evitando assim que os haitianos sejam vítimas dos grupos dos coiotes.

Contudo, apesar desse cuidado por parte do governo brasileiro, facilmente encontramos notícias que alertam para a condição precária que alguns haitianos possuem em território brasileiro. Sobre esse aspecto, o próximo tópico descreverá uma dessas reportagens, principalmente para mostrar o quanto de complexo é a vivência de grupos imigratórios não padronizados na mentalidade brasileira.

3.2 Análises das reportagens

A partir de 2011 a imigração haitiana ganhou notoriedade pública pelas informações e imagens produzidas e difundidas pela mídia brasileira. As narrativas midiáticas enunciavam a chegada e inserção dos haitianos no Brasil, além do debate público das políticas migratórias e dos processos de cidadania das migrações internacionais no país.

Com isso, para melhor explicar a utilização ideológica das reportagens utilizaremos o conceito de *enquadramento* que se apresenta como útil para identificar as formas de interpretar ou significar um acontecimento, tema e as disputas de sentido aí desenvolvidas. Além de permitir observar como os atores envolvidos são posicionados ou qualificados numa determinada situação

O enquadramento é a mobilização desses quadros de experiências, um processo fundamental na organização da experiência, pois permite aos indivíduos definir o que acontece para se posicionar e atuar naquela situação. Tais quadros, porém, não são construções individuais e sim socioculturais, que os indivíduos, mantêm, transformam, atualizam, em suas interações e relações sociais (FRANCA, 2014, p. 83).

No caso da imigração haitiana no Brasil, o conceito de enquadramento foi utilizado para compreensão às incidências desses quadros nos processos de cidadania e políticas migratórias. Por exemplo, a reportagem da Revista Época em 05/02/2011 *O que fazer com os imigrantes Haiti?* Em outras palavras questiona a

política migratória brasileira, enquanto que o Jornal Zero Hora em 12.06.2011 na reportagem: *O Brasil se tornou mais do que uma miragem, é o paraíso ao alcance*, qualifica a imigração como “Maré de haitianos chega ao Brasil”. Ambas as reportagens tem como foco exibir a quantidade de haitianos associada à sua condição de ilegalidade.

De forma geral as migrações são enquadradas em detrimento da compreensão do seu caráter humanitário, além de fortalecer as nações e governos na gestão e controle da realidade desses êxodos.

Por isso, o Jornal Zero Hora qualifica os haitianos como esperançosos associados a uma realidade de pobreza e catástrofes, e que ao chegar ao Brasil apesar de enfrentar dificuldades, a situação é melhor do que no Haiti.

Apenas nos quatro primeiro dias de junho, 350 haitianos entraram no Brasil por esses municípios encravados na selva amazônica. Muitos ficam pela mata, já que não possuem documentos sequer para tentar pedir regularização. Outros avançam um pouco e vão tentar vagas de operário na construção das hidrelétricas de **Jirau** (Rondônia) e **Belo Monte**(Pará). Uma terceira leva arrisca a vida em busca do Olimpo, as megalópoles São Paulo e Rio – correndo o risco de virar mendigos. Para quem está acostumado a comer torta de barro para enganar a fome, no Haiti, a perspectiva de miséria à beira-mar não assusta tanto. **Trezzi, Humberto** e publicada pelo jornal **Zero Hora**, 12-06-2011 <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/44235-mare-de-haitianos-chega-ao-brasil>

Através da própria mídia, aparecem as críticas quanto a imigração dos haitianos ao país.. O que antes era enunciado como fuga do Haiti, agora passa a ser narrado como invasão do Brasil. A interpretação de invasão é devido a situação dramática de duas cidades, onde os moradores estariam preocupados com o comprometimento do atendimento médico e a segurança.

Um apoio explícito ao governo federal sobre a emissão de 100 vistos/mês a haitianos provém do Jornal Zero Hora, editado em 15/01/2012, defende o controle de haitianos no país e diz que o governo agiu com bom senso. Outros discursos consideram que a imigração haitiana ao Brasil envolve uma situação humanitária e de solidariedade internacional de primeira ordem.

O enquadramento da invasão vai mobilizar diversas pessoas e profissionais que atuam em defesa e promoção dos direitos humanos dos migrantes e refugiados. Para o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM) a terminologia invasão dos haitianos sobre o uso irresponsável do termo pela imprensa é securitária e criminalizante. Outros acusam a política imigratória brasileira de seletiva ao criar barreiras a vinda dos haitianos enquanto aplaude a chegada de europeus, ajudando a contornar a burocracia.

Indagações sobre a atuação do governo brasileiros nos processos de recepção e permanência desses imigrantes, bem como a implementação de políticas migratórias efetivas a atual realidade do país. O apoio através da internet para reivindicar um tratamento humanizado e da própria mídia aos imigrantes haitianos. Também ganham visibilidade nas mídias algumas manifestações racistas e xenofóbicas.

Uma ampla disputa política com ampla visibilidade midiática aconteceu quando Geraldo Alckmin (PSDB) de São Paulo acusa de irresponsável o governo acriano por não ter avisado sobre o envio de haitianos a São Paulo, e Tião Viana (PT), do Acre acusa a elite paulista de promover o racismo e a higienização.

Estas disputas de sentidos frente a imigração haitiana instauradas na mídia brasileira colaboram para reafirmar que os espaços midiáticos são lugares de construção e proposição de modos de vivenciar a alteridade representada pelos imigrantes, em como instâncias de debate e formulação de políticas migratórias.

Agora vale-se questionar como a mídia no Paraná interpreta tal imigração e como constrói um quadro que tenta ilustrar a forma de como os haitianos necessitam serem vistos no Estado e, doravante, no país. A escolha da reportagem foi *Haitianos começam a desistir do sonho brasileiro*, que fora publicada pelo Jornal Gazeta do Povo em 1 de agosto de 2015.

A notícia revela a vida de um haitiano de 27 anos, que se levanta de madrugada bem antes do sol nascer e de estomago vazio e pedala apressadamente para chegar antes das quatro horas ao Ceasa de Curitiba, onde trabalha como carregador. Ele é um dos 18,7 mil migrantes do Haiti empregados com carteira de trabalho assinada. Apesar do trabalho fixo, os dissabores que enfrenta por aqui o fizeram desistir do “sonho haitiano” no país. O rapaz quer ir embora. Reclama que a

vida aqui esta muito cara e diz requer ajuntar dinheiro para ir embora. O Haitiano só trabalha e trabalha, mas a vida esta cada vez mais difícil.

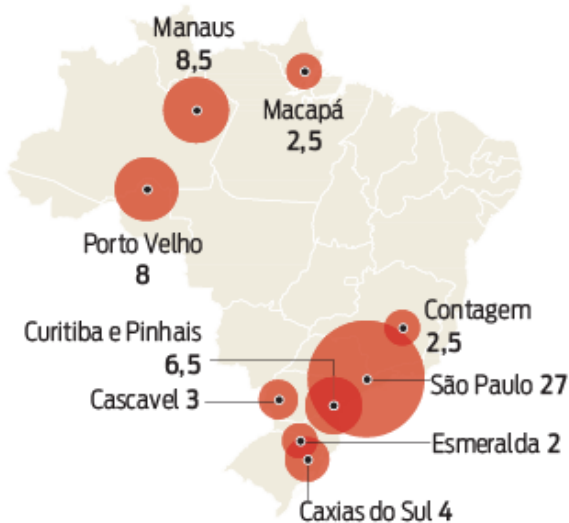
Faz um ano que o jornal a Gazeta do Povo acompanha de perto a história deste haitiano, cuja história esta longe de ser uma exceção, ele faz parte de uma dinâmica recente: a dos haitianos que querem deixar ou já deixaram o Brasil. Além disso o fluxo de imigrantes que chegam do país Caribenho ao Brasil começam a diminuir.

O INÍCIO DA DEBANDADA

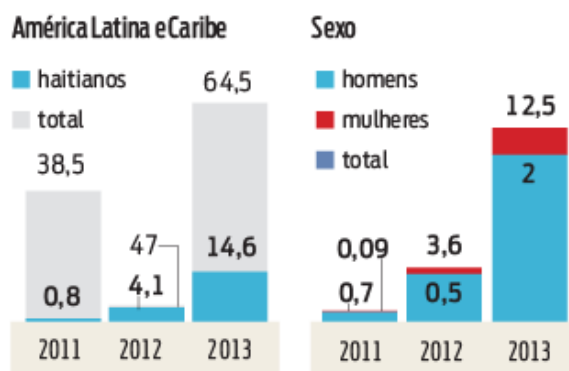
Número de vistos humanitários concedidos a haitianos despencou. Veja os números e detalhes da migração haitiana no Brasil.

PROPORÇÃO DE HAITIANOS POR CIDADE

De janeiro a março de 2014, em %

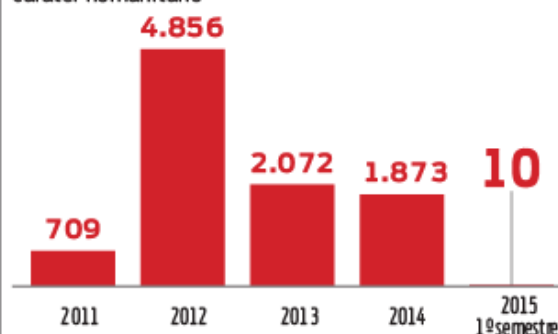


MIGRANTES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE COM VÍNCULO FORMAL DE TRABALHO em milhares



VISTOS

Autorizações para concessão de visto de permanência, em caráter humanitário



TIPO DE VISTO DE ENTRADA

Visto humanitário	63%
Visto obtido na embaixada	20%
Visto temporário	10%
Não responderam	4%
Visto de estudante	3%

MOTIVOS DA MIGRAÇÃO

Trabalho	64%
Melhor qualidade de vida	15%
Estudar	6%
Ajudar a família	7%
Crise no Haiti	2%
Outros	6%

ESTADOS COM MAIS HAITIANOS COM VÍNCULO FORMAL DE TRABALHO

Estado	2011	2012	2013
São Paulo	24	522	2.167
Paraná	4	256	1.824
Santa Catarina	0	75	1.281
Amazonas	475	695	716
Rondônia	219	403	541
Total	814	4.117	14.579

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/Coordenação Geral de Imigração, e Pesquisa Direitos Humanos/PUC-MG.
Infografia: Gazeta do Povo.

É como se o Brasil e mais especificamente o Paraná começassem a deixar de ser uma “terra dos sonhos” para os haitianos.

O fenômeno que já era notado por instituições começa a ser captado por estatísticas. A expedição de vistos em caráter humanitário diminuiu drasticamente. Segundo a Assessoria de Imprensa do Ministério do Trabalho, enquanto que em 2014 foram concedidos 1873 no primeiro semestre deste ano foram concedidos apenas 10 vistos.

Até a metade do ano passado Curitiba era a quarta cidade que mais recebiam haitianos e as principais fontes de emprego eram frigoríficas e a construção civil, aquecidas pela Copa do Mundo. Depois do mundial o mercado minguou e o trabalho ficou escasso.

Em 2015, nenhum visto humanitário foi pedido por haitianos na Capital Paranaense. O aspecto econômico tem sido decisivo neste processo.

Segundo o Coordenador da Pastoral do imigrante-Regional Sul, diz “O haitiano migra em busca do pão” Então ele vai aonde tem emprego”. Observa que os haitianos que estão aqui a mais tempo querem ir embora enquanto que os novos sem conseguir emprego entre duas ou três semanas, se desesperam e também querem ir embora.

O Departamento da Polícia Federal em Curitiba registrava em média a chegada de 60 haitianos por dia em Curitiba, hoje o fluxo não chega a 20 haitianos. Atualmente, o Brasil e Curitiba aparentemente têm sido o local de menos destino dos haitianos enquanto que o Chile é o lugar mais almejado pelos haitianos.

CONCLUSÃO

Com o início deste trabalho sendo motivado pela observação do número de haitianos que se encontrava facilmente nas ruas de Curitiba, principalmente nas redondezas do estádio conhecido popularmente como Campo de Atlético. Os resultados obtidos tiveram um amplo retorno, principalmente pelo fato de conhecimento sobre o Haiti ser bastante superficial no cotidiano, que teve como maior repercussão o terremoto do que por sua própria história.

Com isso, o desenvolvimento do trabalho partiu dos conhecimento sobre a ex-colônia francesa, desde sua localização na América, a população de escravos, a economia e o método de trabalho nas plantações agrícolas, o idioma Crêoles, a religião tradicional o vodu e a oficial o catolicismo. Destacando principalmente a revolução Haitiana, que se caracteriza primordialmente pela revolta dos escravizados que atearam fogo nas plantações de açúcar, também ressaltando para a educação de seus líderes, e a relação entre negros escravizados, mulatos e brancos. Pensadores e intelectuais da época com obras e poemas magníficos sobre a terra e o povo Haitiano e por fim a tão almejada Independência conquistada pelas lutas e batalhas sangrentas e a derrota da França, além da expulsão total dos brancos para a conquista da primeira República negra do mundo.

No que se referente a expressão da mídia brasileira em relação a imigração dos Haitianos para o Brasil, salientamos que os processos de comunicação estão cada vez mais globalizados onde os acontecimentos são evidenciados em tempo real disseminando informações sobre questões de interesse universal. As notícias estão em jornais, revistas, internet, noticiários de TV e blogs. Sendo assim, nas reportagens selecionadas observamos que além da informação havia pronunciamento em prol dos haitianos com questionamentos sobre a política de imigração brasileira e por outro lado o desprezo e preocupação com a residência dos mesmos em território brasileiro.

Segundo informações de alguns noticiários, muitos haitianos já retornaram para seu país, outros estão partindo para o Chile e os que ficaram por aqui no Brasil estão em situação precária porque não conseguem empregos e o custo de vida está caro. Dessa forma, se a imigração haitiana para o Brasil já foi co

Comparada com o desembarque de italianos e japoneses no país entre o período imperial e os primeiros anos da República. O detalhe mais importante é perceber justamente como acontece a recepção de tal povo, principalmente no quesito racial que invariavelmente tal população impõe aos padrões brasileiros de democracia racial. <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/imigracao-haitiana-e-a-maior-desde-a-chegada-de-japoneses-e-italianos-20120112.html>>

REFERÊNCIAS

ALESSI, Mariana; LONGHI, Batista. **A migração de Haitianos para o Brasil.**

Disponível em www.humanas.ufpr.br/.../A-Migração-de-Haitianos-para-o-Brasil.pdf. Acesso em 22 de agosto de 2015.

BRASIL. Conheça o perfil e a motivação dos haitianos que entram no Brasil. **Folha de São Paulo**. 2014. Disponível em: Acesso em: 06.03.2015, 16:18:30. <<http://brasil.blogfolha.uol.com.br/2014/05/19/conheca-o-perfil-e-a-motivacao-dos-haitianos-que-entram-no-brasil>

BRASIL. Lei 9.474 de 22 de julho de 1997. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm. Acesso e, 22 de agosto de 2015.

CASTRO, ALEX. **Imigrantes sim, mas de que cor**, 2013. Acesso em: 07.03.2015, 14:30:30. Disponível em: <http://www.papodehomem.com.br/racismo-e-imigracao-de-que-cor-devem-ser-nossos-imigrantes/>

CHAGAS, Marcos. **Haitianos: governo federal libera R\$ 784 mil para ajudar governo de Acre**. Brasília. Agência Brasil. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-04-19/haitianos-governo-federal-libera-r-784-mil-para-ajudar-governo-do-acre>. Acesso em 22 de agosto de 2015.

COGO, Denise e Terezinha Silva, **Mídia, alteridade e cidadania da imigração no Brasil**. Disponível em: [www.compos.org.br/biblioteca/compos20015-comautoria\(1\)_2754.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos20015-comautoria(1)_2754.pdf) . Acesso em 23 de agosto de 2015

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e cidadania**. Editora moderna, 1998, São Paulo.

DALMONTE, EDSON FERNANDES. **O escândalo do tráfico de influência em pauta: uma análise sobre os “modos de dizer” de Veja e IstoÉ** . Sociedade, ISSN Impresso: 0101-2657 • ISSN Eletrônico: ISSN 2175-7755. Ano 33, n. 56, p. 173-209, jul./dez. 2011

FELLET, João. **Após nova regra, Brasil só concede 30% da cota de vistos a haitianos**. Brasília: BBC Brasil: disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/02/120228_haitianos_visto_jf.shtml.

Acesso em 22 de agosto de 2015.

FREITAS, Soraya Matos de . **Entrelinhas da revolução: o dito e o não dito nas páginas do Correio Braziliense e da Gazeta do Rio** de Janeiro sobre a Revolução Haitiana (1808-1822). In: **XXV Simpósio Nacional de História. História e Ética**, 2009, Fortaleza. História e Ética: Simpósios Temáticos e Resumos do XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza: Editora, 2009. v. 1. p. 273-273.

GATES, Henry Louis. **Os negros na américa latina**. Editora Schwarcz S.A. 2014, São Paulo.

GIRALDI, Renata. **Saldo do terremoto no Haiti é de 220 mil mortos e 1,5 milhão de desabrigados**. Brasília: **Agencia Brasil**. Disponível em <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-01-12/saldo-do-terremoto-no-haiti-e-de-220-mil-mortos-e-15-milhao-de-desabrigados>>. Acesso em 24 de agosto de 2015.

JAMES, C.L.R., **Os Jacobinos Negros**, Primeira edição em castelhano em junho de 2003. Coleção Noema - Fundo de Cultura econômica

Literatura Negra Caribenha 14.06.2010 **Jacques Roumain e o movimento indigenista no Haiti** Disponível em www.pco.org.br/conoticias. Acesso em 20.08.2015.

Portal R7. **Imigração haitiana é a maior desde a chegada de japoneses e italianos**. Disponível em <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/imigracao-haitiana-e-a-maior-desde-a-chegada-de-japoneses-e-italianos-20120112.html>> Acesso em 24 de agosto de 2015.

MELO, Alessandro de e Sandra Terezinha Urbanetz. **Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia**. 1.ed.São Paulo.ed.Ibepex, 2009

MORAES, et al, A imigração Haitiana para o Brasil: Causas e Desafios. **Revista Conjuntura Austral**, Vol. 4, nº. 20, Out. Nov 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**.

STUART, HALL. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora,1992.

ROCHA, Leonel; ARANHA, Ana. **O que fazer com os imigrantes do Haiti?** **Revista Época**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI208935-15223,00-O+QUE+FAZER+COM+OS+IMIGRANTES+DO+HAITI.html> Acesso em: 2 de agosto de 2015.

TAMANINE, Marlene et.al. **Normas para apresentação de Trabalhos Científicos no Curso de Ciências sociais da UFPR**, Curitiba, 2012. Pag.09 Caderno de normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos no Curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação e Sociologia, Universidade Federal do Paraná.

WERNECK, KEKA. MT: **Haitianos atraídos pela Copa amargam desemprego em massa**. Terra. 2014 Disponível em: . Acesso em: 08.03.2015, 14:30:30. <<http://noticias.terra.com.br>>